

As marcas do Cristo

Hermínio C. Miranda

As marcas do Cristo

Paulo, O Apóstolo Dos Gentios

Vol. I



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

*“Daqui por diante ninguém me moleste,
pois trago no corpo as marcas de Jesus.”*

— PAULO DE TARSO. (*Gálatas*, 6:17.)

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE PAULO, O APÓSTOLO DOS GENTIOS

Universalização do Cristianismo e renascença da religião

Apresentação

1 — O MUNDO EM QUE NASCEU SAULO

Antecedentes históricos e ambiente geográfico,
estrutura política, configuração religiosa

Estrutura política

Otaviano, o Augusto

As províncias

Tibério e seus sucessores. A Diáspora

2 — O HOMEM E A OBRA

As origens de Saulo

A comunidade judaica

O Messias

O amor

O perseguidor

A Igreja do Caminho

Discrição dos Atos

As simpatias de Gamaliel

O apedrejamento

Amargo triunfo

Abigail, cristã. A perseguição	
O caminho de Damasco	
Encontro na Rua Direita	
Na sinagoga	
O que os Atos não contam	
Reencontro com Gamaliel	
No oásis de Dan	
Revelação no deserto	
Por cima dos muros de Damasco	
De volta a Jerusalém	
A Casa do Caminho	
Peregrinação sentimental	
De novo em Tarso	
Antioquia	
Visita a Jerusalém	
Os Espíritos recomendam a missão apostólica	
De Saulo a Paulo	
Regresso de João Marcos	
Antioquia da Pisídia	
Declaração de amor	
Encontro com Timóteo	
O direito da verdade	
Reunião em Jerusalém	
A difícil posição de Paulo	
Incidente entre Paulo e Barnabé	
Roteiro de luz	
Reencontro com Lucas	
A pitonisa de Filipos	
A Grécia: o sonho e a realidade	
Paulo em Corinto	
Gênese das Epístolas	
A mediunidade na Igreja de Corinto	
Julgamento em Corinto	

Com Maria, em Éfeso	
Novas andanças	
Tumulto em Éfeso	
A Epístola aos Romanos	
Chamado de Jerusalém	
Testemunho em Jerusalém	
Julgamento em Cesaréia	
Paulo diante de Agripa	
A caminho de Roma	
A viagem. "Custodia Libera"	
Debate com os judeus	
Especulações sobre o fim de Paulo	
A Epístola aos Hebreus	
Paulo livre e Pedro em Roma	
Rumo à Espanha	
Paulo convocado a Roma	
Encontro com Popéia	
O incêndio	
Paulo é novamente preso	
César e Cristo	
A última Epístola	
Momentos finais	
A coroa da vida	

3 — A PERSONALIDADE

4 — OS AMIGOS

Gamaliel	
Ananias	
Áquila e Prisca	
Barnabé	
Lucas	
Timóteo	

Tito

Filêmon

Outros

Pedro

5 — A TEOLOGIA

A predestinação

Justificação pela fé

6 — AS EPÍSTOLAS

A autenticidade

A cronologia

Presença de Timóteo

As marcas do Cristo

7 — A MEDIUNIDADE

UNIVERSALIZAÇÃO DO CRISTIANISMO E RENASCENÇA DA RELIGIÃO

Quando um mal existe, não se cura sem crise (...).

— Allan Kardec (*Revue Spirite*, junho de 1862)

E stamos diante de uma obra — *As marcas do Cristo* — que estuda, numa parte, a missão de “Paulo, o Apóstolo dos Gentios”, e, na outra, a missão de “Lutero, o Reformador”.

Na “Apresentação”, assinada em fevereiro de 1974, o seu autor, Hermínio C. Miranda, pronuncia-se sobre a natureza do trabalho realizado e diz-nos de suas convicções sobre as duas respeitáveis figuras da história religiosa da Humanidade:

Este livro é um pequeno ensaio de interpretação das personalidades Paulo de Tarso e Lutero, em termos de Doutrina Espírita. [...]

Embora, pessoalmente, esteja convencido de que Paulo e Lutero são um só Espírito, em etapas reencarnatórias distintas, e conquanto gire o livro em torno dessa premissa, há nele diversas plataformas de entendimento, estruturadas de modo tal que a aludida identidade de personagens não é propriamente vital para a boa assimilação da obra.

A Federação Espírita Brasileira, que examinou com muito carinho mais este esforço e bela contribuição de Hermínio C. Miranda às letras espíritas, decidindo dar-lhe divulgação pelo seu Departamento Editorial, considera o livro não como “um pequeno ensaio”, mas como um trabalho considerável, à luz da Doutrina dos Espíritos e do conhecimento da mediunidade, de conotações históricas da melhor procedência e de confronto com ensinamentos e revelações da historiografia segundo as revelações obtidas pela via medianímica, mormente do Espírito Emmanuel, pelo médium Francisco Cândido Xavier, que, no Brasil e no mundo inteiro, é considerado suficientemente firme no seu apostolado de medianeiro, para merecer fé e acatamento quanto às transcendentais mensagens que veicula.

A questão da identidade de Paulo e Lutero, que o autor declara não ser “propriamente vital para a boa assimilação da obra”, é da natureza daquelas que a Casa de Ismael sempre prefere deixar à decisão consciencial dos leitores, *dando tempo ao amadurecimento da opinião*, como fazia habitualmente o insigne Codificador Allan Kardec.

Isto posto, queremos dizer algumas rápidas palavras, no pórtico desta obra, em confirmação às conclusões do próprio autor.

1. “Paulo, o Apóstolo dos Gentios”

Em *A Caminho da Luz* (cap. XIV), Emmanuel escreveu:

[...] a comunidade cristã, de modo geral, começou a sofrer a influência do Judaísmo, e quase todos os núcleos organizados, da doutrina, pretenderam guardar feição aristocrática, em face das novas igrejas e associações que se fundavam nos mais diversos pontos do mundo.

A influência judaizante era um mal que precisava conjurado no nascedouro, pois “o portentoso alicerce do Cristianismo”, que era, no dizer de Emmanuel, o “trabalho de redação dos Evangelhos”, podia ser atingido se lhe faltasse “o precioso caráter universalista”.

Sem perda de tempo, Jesus convoca “ao seu sublime ministério” o luminoso e enérgico Espírito que fora assinalado para a realização superlativa de levar o Evangelho a todos os povos da Terra, mas que, então, se desviara da verdadeira senda: Paulo (Saulo) de Tarso!

Insondável desígnio que nem mesmo os mais atilados Apóstolos do Senhor foram capazes de ajuizar de imediato. As ações e as epístolas de Paulo tornam-se poderoso elemento de universalização da nova doutrina. E prossegue Emmanuel:

A princípio, estabelece-se entre ele e os demais Apóstolos uma penosa situação de incompreensibilidade, mas a sua influência providencial teve por fim evitar uma aristocracia injustificável dentro da comunidade cristã, nos seus tempos inesquecíveis de simplicidade e pureza.

No livro *Caminho, Verdade e Vida*, o mesmo Emmanuel esclarece: “[...] a consciência do Apóstolo dos gentios era apaixonada pela Lei, mas não pelos vícios”. Quando, pois, compreendeu a extensão do próprio erro, não vacilou um só instante e assumiu, por inteiro, a responsabilidade que lhe cabia na difusão do Cristianismo, cheia de exemplos dignificantes, testemunhos contínuos e renúncias santificantes.

2. “Lutero, o Reformador”

Os *Atos dos Apóstolos* (19:15) registraram uma cena dolorosa de frustração dos filhos de Ceva, exorcistas ambu-

lantes, que tentaram invocar, como o fazia Paulo, o nome do Senhor Jesus sobre possessos de Espíritos obsessores: *Mas o espírito maligno lhes respondeu: Conheço a Jesus e sei bem quem é Paulo; mas vós, quem sois?*

A mesma pergunta podia ser feita ao sacerdócio católico da época de Lutero, com conseqüências semelhantes. Tanto podia, que o foi, mas por alguém com bastante autoridade moral para formulá-la; e com resultados de avultada significação e repercussão, que não cessaram até hoje.

Emmanuel, no mesmo livro inicialmente citado (cap. XX), ao tratar da Renascença Religiosa, pontifica:

O plano invisível determina (...) a vinda ao mundo de numerosos missionários com o objetivo de levar a efeito a renascença da religião, de maneira a regenerar seus relaxados centros de força. Assim, no século XVI, aparecem as figuras veneráveis de Lutero, Calvino, Erasmo, Melanchthon e outros vultos notáveis da Reforma, na Europa central e nos Países Baixos.



Hermínio C. Miranda procedeu a uma rigorosa análise crítica tudo o que ficou dito sobre Paulo e Lutero. Quanto ao último, ele explica o que muitos ignoram e até mesmo o que entre espíritas geralmente se desconhece, no entendimento justo da obra da Reforma e da corajosa posição assumida pelo filho de Eisleben [Lutero] durante toda a sua vida de reformador.

As palavras que prometêramos, no início, portanto, não são nossas, mas de Emmanuel, de cujo livro, *O Consolador*, daremos também uns *flashes* pertinentes à matéria analisada em *As Marcas do Cristo*:

O Cristianismo é a síntese [...] de todos os sistemas religiosos mais antigos, expressões fragmentárias das verdades sublimes trazidas ao mundo na palavra imorredoura de Jesus. (Questão 293.)

Todas as expressões religiosas nascidas do Cristianismo se identificam pela seiva de amor do tronco que as congrega, apesar dos erros humanos de seus expositores. (Questão 294.)

A Reforma e os movimentos que se lhes seguiram vieram ao mundo com a missão especial de exumar a “letra” dos Evangelhos, enterrada até então nos arquivos da intolerância clerical, nos seminários e nos conventos, a fim de que, depois da sua tarefa, pudesse o Consolador Prometido, pela voz do Espiritismo cristão, ensinar aos homens o “espírito divino” de todas as lições de Jesus. (Questão 295.)

Esclarecendo o erro religioso, onde quer que se encontre, e revelando a verdadeira luz, pelos atos e pelos ensinamentos, o espiritista sincero, enriquecendo os valores da fé, representa o operário da regeneração do Templo do Senhor, onde os homens se agrupam em vários departamentos, ante altares diversos, mas onde existe um só Mestre, que é Jesus Cristo. (Questão 353.)

Conseguir a fé é alcançar a possibilidade de não mais dizer: “eu creio”, mas afirmar: “eu sei”, com todos os valores da razão tocados pela luz do sentimento. (Questão 354.)

Admitir as afirmativas mais estranhas, sem um exame minucioso, é caminhar para o pelo desfiladeiro do absurdo, onde os fantasmas dogmáticos conduzem as criaturas a todos os despatérios. Mas também interferir nos problemas essenciais

da vida, sem que a razão esteja iluminada pelo sentimento, é buscar o mesmo declive onde os fantasmas impiedosos da negação conduzem as almas a muitos crimes. (Questão 355.)

Os novos discípulos do Evangelho devem compreender que os dogmas passaram. (...)

Dentro das novas expressões evolutivas, porém, os espiritistas devem evitar as expressões dogmáticas, compreendendo que a Doutrina é progressiva, esquivando-se a qualquer pretensão de infalibilidade, em face da grandeza inultrapassável do Evangelho. (Questão 360.)

Ao tempo de Paulo de Tarso havia problemas com a redação dos Evangelhos, ante o mal farisaico que poderia levar à judaização do Cristianismo, desfigurando-lhe o sentido e a finalidade universalizantes; à época de Lutero, de Trevas plenas,urgia exumar a “letra” dos mesmos Evangelhos, para que se não perdessem. E o ano que viu Kardec nascer registrou o surgimento da primeira Sociedade Bíblica para a divulgação dos textos das Escrituras, que passou em certo tempo a ser feita em todas as línguas, idiomas, dialetos: em número superior a mil e duzentos, em todo o orbe.

Doutro modo, não poderia o Espiritismo ensinar aos homens o “espírito divino” de todas as lições de Jesus!...

Por isso dissemos da bela contribuição do autor às letras espíritas e da publicação de *As marcas do Cristo* pela Casa-Máter do Espiritismo no Brasil.

FRANCISCO THIESEN

Presidente da Federação Espírita Brasileira

Rio de Janeiro (RJ), 24 de julho de 1979.

APRESENTAÇÃO

Este livro é um pequeno ensaio de interpretação das personalidades Paulo de Tarso e Lutero, em termos de Doutrina Espírita. Os pontos de sustentação de sua estrutura estão, portanto, assentados nas ideias básicas do Espiritismo, tal como o ordenou Allan Kardec, ou seja, a existência de Deus, a evolução, a sobrevivência e a preexistência do Espírito, e a comunicabilidade entre encarnados e desencarnados.

Quem fala em preexistência do Espírito admite implicitamente a doutrina multimilenar da reencarnação, sem a qual a própria vida não faria sentido.

Embora, pessoalmente, esteja convencido de que Paulo e Lutero são um só Espírito, em etapas reencarnatórias distintas, e conquanto gire o livro em torno dessa premissa, há nele diversas plataformas de entendimento, estruturadas de modo tal que a aludida identidade de personagens não é propriamente vital para a boa assimilação da obra.

Permita-me o leitor citar a mim mesmo, quanto à problemática de aceitação de Paulo como Lutero:

“No estudo da personalidade de Paulo” — digo, algures, aqui, nesta obra —, “tanto quanto na avaliação da personalidade de Lutero, faz-se necessário abrir mão de uns tantos preconceitos e deformações de visão histórica. Em Paulo a santificação extremou-lhe dotes que em si mesmo não reconhecia, não

sendo demais recordar que ele próprio proclamou suas fraquezas aos quatro ventos. Essa a razão por que se torna tão difícil polarizar as atenções de Paulo sobre Lutero. Quanto a este, o processo é inverso: tomam de seus defeitos — que os teve também — e os amplificam pelos corredores ressonantes da História, em detrimento de suas virtudes e grandezas, suas renúncias e qualidades. Não que tal processo seja taxativamente claro, senão que — uma vez existindo — atuou violentamente na criação e fixação de uma imagem definida, especialmente negativa, no caso de Lutero. Identicamente, essa identidade que se preserva e continua em duas personalidades foi alvo de muitas observações ditadas pela intuição de tantos. Renan, que tão a fundo estudou Paulo, escreve que “em tudo o verdadeiro predecessor do Protestantismo, Paulo tem todos os defeitos do protestante”. Suas analogias e referências a Lutero, no seu livro *São Paulo*, são constantes e insistentes, e sua conclusão nas páginas finais são inequívocas:

‘Em suma’ — diz ele —, ‘a personagem histórica que mais analogia tem com S. Paulo é Lutero. Num ou noutro, existe a mesma violência na linguagem, a mesma paixão, a mesma energia, a mesma nobre independência, o mesmo aferrar-se frenético a uma tese perfilhada como verdade absoluta’.

Fascinado, porém, pelo apóstolo, Renan não o compreende. Parece apalpar na escuridão a figura, mas apenas lhe percebe o vulto, sem lhe identificar as grandezas e as sutilezas do pensamento universal.

Sendo, porém, o mesmo Espírito em duas vidas diferentes, por quê, então, alguns desencontros? Os desencontros são mais aparentes do que reais. Paulo, sem dúvida, foi profundo conhecedor da mediunidade, faculdade amplamente praticada nos primeiros tempos da era cristã.

Como se explica, pois, que Lutero a tenha ignorado? Em primeiro lugar, será que ele de fato a ignorou? De início, há muitos enganos a respeito de Lutero e sua posição perante os problemas da vida. Quando colocado cruamente diante do fenômeno mediúnicos —basta citar o exemplo dos profetas de Zwickau, em Wittenberg — Lutero sabe como tratar os Espíritos, como identificar suas tricas e como se subtrair à sua envolvente influência. É também com lúcida propriedade que adverte Melanchthon dos perigos da mistificação, quando este se revela impressionado com alguns fenômenos. A atitude de Lutero, aqui, é a mesma de Paulo, em Filipos, diante de um Silas aturdido e maravilhado com a mediunidade des governada de uma jovem pitonisa.

Aliás, os fenômenos mediúnicos são uma constante na vida de Lutero, apresentando aspectos ainda pouco explorados e conhecidos da existência do reformador.

Importa, no entanto, colocar com precisão as questões. Lutero não renasceu com a tarefa de implantar as práticas mediúnicas. Em primeiro lugar, porque os tempos não estavam maduros. A época era de credices, de total ignorância espiritual e de desenfreada perseguição a toda e qualquer manifestação inabitual. Acima disso, porém, há um ponto de extrema importância, que ainda não foi devidamente examinado e compreendido, senão dentro do contexto da Doutrina Espírita, transmitida a Kardec pelos Espíritos superiores: é este que, sem o apoio do Evangelho de Jesus, a mediunidade expõe-se a muitos riscos, e acaba, frequentemente, em exaltações e transviamentos, transformando-se em instrumento do mal, em prejuízo do médium, principalmente, e daqueles que o cercam. Ela, a mediunidade, em si, é neutra, como a inteligência ou a faculdade artística, mas, tanto quanto estas, pode abastardar-se facil-

mente, quando dominada pelas paixões desenfreadas que ainda prevalecem em tantos de nós.

Era necessário, pois, ao tempo de Lutero, restaurar primeiro o Evangelho de Jesus, o código de ética da Humanidade. E isso Lutero o fez, inegavelmente, devolvendo ao povo humilde das ruas, tanto quanto às grandes mentes de todos os tempos, os textos originais que ele foi buscar nos antiquíssimos alfarrábios. Dando um salto gigantesco por cima dos séculos, transcreveu toda a narrativa dos evangelistas e dos apóstolos no belíssimo alemão do século XVI. *Sua Bíblia* é um documento que marca uma época, e muitos lhe atribuem a criação da língua alemã, que não passava, então, de um conglomerado de dialetos. Há milênio e meio o Cristo não falava assim diretamente ao povo, como Lutero o fez falar.

O espaço de uma só vida não seria suficiente para restaurar o Evangelho em toda a sua pujança e, ao mesmo tempo, para criar as novas estruturas de pensamento de que o fenômeno mediúnico precisaria para ser entendido em todas as suas implicações. Acontece, ainda, que as realizações espirituais, na História, resultam do trabalho de equipes muito bem adestradas, altamente especializadas e com atribuições perfeitamente delineadas. A Lutero coube o preparo de uma nova era de liberdade de pensamento e de retorno às fontes primitivas do pensamento do Cristo. Foi ele o precursor de Allan Kardec, tanto quanto Kardec, antes dele, na personalidade de João Huss, na Boêmia, abriu caminho para a Reforma protestante. Não se trata, pois, de que um seja tributário do outro: são ambos tributários do Cristo, e dele trazem, ambos, *as marcas*.

Paulo jamais entendeu o Cristianismo divorciado da mediunidade. O episódio com os discípulos de João (*Atos*, cap. 19) é disso um testemunho eloquente. Mesmo ao ana-

lisar a mediunidade, para instrução de seus amigos de Corinto (*I Coríntios*, caps. 12 a 14), coloca todas as questões com uma lucidez e um conhecimento que hoje nos deixam perplexos. Além disso, põe a caridade, ou seja, o amor, acima de todas as virtudes.

O Espiritismo está coerente com essa mensagem imortal, e, por isso, implantou-se tão solidamente sobre alicerces de três pilotes: *Ciência*, *Filosofia* e *Religião*. Hoje, examinando os fatos do ponto de vista privilegiado da perspectiva, sabemos que o suporte religioso é o mais importante dos três. O mediunismo predominante nas primeiras comunidades cristãs prestou serviços inestimáveis à causa de Jesus e dos homens, mesmo sem os outros dois, porque nada havia, praticamente, de Ciência, e muito pouco de Filosofia, naqueles tempos recuados. Enquanto isso, à Grécia dos gênios e dos filósofos, o Cristianismo que Paulo desassombradamente lhe levou, foi semente generosa que caiu em solo árido. Faltava-lhe a visão espiritual, que somente a Religião pode dar. Por outro lado, temos visto na experiência repetida dos fatos, durante o tempo em que a mensagem espírita está entre nós, que sempre — repito: sempre! — que a prática espírita se divorcia do suporte religioso termina em becos sem saída, morre estiolada no frio dos gabinetes de pesquisa que tudo concluem, mas que temem as suas conclusões, porque os encaixes novos que elas oferecem não se adaptam aos preconceitos aos quais inúmeras vaidades se amoldaram.

Quer isso dizer que o Espiritismo não pode ser pesquisado cientificamente? Não. Quer isso dizer que não deve ele receber o influxo da Filosofia? Tampouco. A pesquisa é necessária, indispensável para documentar os fatos e ordená-los, para entendê-los, porque *o grande problema humano ainda é o próprio homem* e não as condições que o cercam.

Outrossim, é a Filosofia que nos disciplina o pensamento e que nos dá uma visão global do Universo, colocando cada coisa no seu lugar, em nós e à nossa volta. De que nos valerá, porém, a organicidade da documentação científica e a globalização da filosofia, se não soubermos que fazer desse precioso acervo de dados? Que é o homem, afinal? De onde veio, para onde vai? Que deseja? Informado pela Ciência e pela Filosofia, ele será um homem culto, mas continuará ignorante da sua condição espiritual se não se voltar para Deus.

Parafraseando Paulo, podemos dizer que, em Espiritismo, subsistem três aspectos: Ciência, Filosofia e Religião, mas que o maior dos três é a *Religião*. E foi por assim compreender que Kardec adotou, para a Doutrina por ele coordenada, a ética insuperável do Cristo.

Este livro é, pois, a história de um ser inteiramente dedicado a Jesus. Dois episódios, duas vidas, um só espírito: Paulo e Lutero.

As marcas do Cristo é obra de amor, escrita sob o permanente impacto de profundas emoções íntimas. Datilografei suas páginas num impulso irresistível, no escasso tempo de seis meses, trabalhando apenas nos fins de semana e num e noutro feriado em meio a intensas atividades profissionais e doutrinárias. Quanto a mim, espero ter conseguido transmitir ao leitor um pouco daquelas emoções que às vezes pareciam esmagar-me.

HERMÍNIO C. MIRANDA

Rio de Janeiro (RJ), fevereiro, 1974.

PRIMEIRA PARTE

PAULO, O APÓSTOLO DOS GENTIOS

O MUNDO EM QUE NASCEU SAULO

ANTECEDENTES HISTÓRICOS E AMBIENTE GEOGRÁFICO,
ESTRUTURA POLÍTICA, CONFIGURAÇÃO RELIGIOSA

Saulo, o futuro Apóstolo dos Gentios, nasceu na cidade de Tarso, na Cilícia, segundo a história oficial, por volta do ano 10 da nossa era. Emmanuel informa, em Paulo e Estêvão¹, que, no ano 35, já em Jerusalém, Paulo beirava os 30 anos de idade. Nascera, portanto, no ano 5, e não em 10. De qualquer maneira, era mais jovem que Jesus, mas não consta que o tenha conhecido pessoalmente. Provavelmente não, porque, ante a visão deslumbrante de Damasco, não reconhece a figura que se apresenta diante dos seus olhos atônitos, e pergunta-lhe quem é.

A Cilícia era um distrito da Ásia Menor, entre a Panfília e a Síria. O limite, ao norte, era o Monte Tauro. Estava divi-

¹ Edição da FEB (psicografia de Francisco Cândido Xavier).

dida em duas províncias: a Cilícia Traquéa e Cilícia Pedias, a primeira muito montanhosa e agreste, e a segunda, embora também em parte coberta de rochedos, dispunha de algumas planícies férteis. Importante estrada cortava o país de este a oeste, passando pela cidade de Tarso. Na sua áspera descida do platô da Anatólia, rumo a Tarso, a estrada esgueirava-se pela estreita passagem ciliciana, aberta na rocha. Nos tempos romanos, a Cilícia exportava grande quantidade de lã caprina, chamada cilicium, da qual se faziam tendas. Esse foi, aliás, o ofício de Saulo, de vez que era praxe entre os de sua raça, inclusive os mais ricos e ilustrados, aprender sempre um ofício manual.

Sob o domínio dos persas, a Cilícia foi provavelmente governada por reis nativos que pagavam tributo aos conquistadores. Em viagem por aquelas regiões, Xenofonte achou uma rainha no trono. Nem Ciro nem Alexandre, o Grande, encontraram resistência, quando por lá andaram ambos nas suas campanhas bélicas. Depois de Alexandre, o país caiu em poder dos selêucidas, que, na verdade, apenas controlavam metade da nação, dado que a Cilícia Traquéa ficou entregue à pirataria e à desordem política, até que Pompeu a conquistou para Roma. A Cilícia Pedias tornou-se território romano no ano 103 a. C. antes do Cristo, mas o país somente foi regularmente ordenado em 64, sob Pompeu, convertendo-se em província romana, da qual Cícero foi governador. Reorganizada por César no ano 47 a.C., tornou-se, em 27, parte integrante da província Síria-Cilícia-Fenícia, ainda sob domínio dos romanos, naturalmente. Quase dois séculos depois, com Diocleciano, a Cilícia juntou-se à Síria e ao Egito, formando uma nova província a que deram o nome de Diocesis Orientis. Sua vida como nação não foi, assim, muito tranquila. No século VII d.C., foi invadida pelos árabes, que a dominaram até

965, quando foi reocupada por Nicéforo II. Várias vezes se repartiu entre diferentes donos e governantes, cristãos e muçulmanos. Para encurtar a história e saltando por cima dos séculos, vamos encontrá-la, de 1833 a 1840, fazendo parte dos territórios administrados por Mohammed Ali, do Cairo. Pelo tratado Sèvres, parte da Cilícia foi entregue à França, mas, em outubro de 1921, depois de conflitos com os nacionalistas, os franceses se retiraram.

Tarso é cidade bem antiga. Segundo o Obelisco Negro, na mais recuada referência conhecida, Tarso foi tomada pelos assírios cerca de 850 anos antes do Cristo. Pertence, hoje, à Turquia, que se liga, pelo ocidente, à Europa, através do Bósforo, e, pelo oriente, com o Irã e a União Soviética, tendo ao sul o Iraque e a República Árabe Unida (Síria). Assim, com a ponta do compasso em Tarso, um círculo não muito amplo abrangeria importantes regiões da Europa, da Ásia e da África.

A cidade é cortada pelo Rio Cidno, tendo ao fundo os contrafortes do Monte Tauro. Sua importância na história antiga foi considerável, não apenas pela excelente localização geográfica como pelas suas realizações. Possuía um bom porto e território fértil. Seus pontos de sustentação econômica foram as suas duas importantes obras de engenharia: o porto e a passagem para o Norte, aberta no Monte Tauro. Mesmo assim, no entanto, até hoje Tarso é mais acessível pelo mar ou pelo oriente do que por outra qualquer via.

Ernani Cabral, no livro *Apreciando a Paulo*, lembra que Tarso contava com uma das três universidades que então existiam no mundo; as outras eram a de Atenas e a de Alexandria.

A cidade natal do Apóstolo sofreu inevitavelmente das vicissitudes por que passou a própria Cilícia. A influência

grega sobre Tarso foi considerável. Daniel-Rops² informa que Tarso está, hoje, a cerca de 20 quilômetros da orla marítima, por causa das aluviões, mas, no tempo de Paulo, era porto de mar, aberto ao comércio de muitos, especialmente aos gregos. A população era, pois, heterogênea. Will Durant³ acrescenta que a Cilícia era altamente civilizada ao longo da costa, mas ainda bárbara nos altiplanos do Monte Tauro. Tarso, a capital, era famosa por seus filósofos e por suas escolas. Os judeus da diáspora estabeleceram ali importante colônia, como também em Antioquia, Mileto, Éfeso, Esmirna. Grupos menores, mas ainda numerosos, habitavam Delos, Corinto, Atenas, Filipos, Petra, Tessalônica. Muitas dessas comunidades entrariam mais tarde no roteiro luminoso de Paulo.

Supõe-se que Tarso tenha sido, inicialmente, em origens que se perderam nos séculos, colônia jônica, e é certo que se considerava cidade helênica, mas a influência fenícia foi bastante acentuada. Assírios e persas governaram-na. Reis selêucidas da Síria mantiveram-na sob servidão. Por lá passou Alexandre, o Grande, no século IV a. C. A História registra um episódio interessante. Achava-se Alexandre em Tarso, no ano 333 a.C., quando foi acometido de um mal-estar para o qual seu médico, Felipe, lhe receitou uma poção. Nesse momento, Alexandre recebeu carta de seu general Parmenion, que lhe dizia que Felipe havia sido subornado por Dario para envenená-lo. Sem dar importância à denúncia, e num dos seus gestos espetaculosos, Alexandre tomou o remédio, enquanto Felipe lia a carta. Na verdade, não morreu ali, mas o seu tempo não estava longe. Foi também em Tarso que Alexandre tomou um

² *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires* — Tavares Martins, pág. 70.

³ *Caesar and Christ* — Simon & Schuster, Nova Iorque.

banho no rio e quase foi carregado pela correnteza, famosa pela velocidade de suas águas frias.

Em outro livro, cuidei da carreira do grande conquistador⁴. Convicto da presença de Deus na História, não posso deixar de propor a hipótese de que Alexandre estivesse programado — utilizando-me da linguagem moderna — para preparar o imenso teatro de operações do futuro Cristianismo. Nos registros da história conhecida, foi o primeiro homem que concebeu o mundo como um todo, e não como um solto conglomerado de ilhotas políticas. A sementeira mundial que fez da cultura e da civilização gregas quase o redime das suas crueldades. O mundo que Paulo encontrou para divulgação das ideias cristãs era um mundo greco-romano, em que o grego popular, conhecido pelo nome de *koiné*, era linguagem universal, falado desde Roma até a mais longínqua província. Essa língua, na qual foram escritos os primeiros documentos cristãos, os Evangelhos, os Atos e as Epístolas, teve sua origem exatamente no tempo de Alexandre, segundo informação da *Enciclopédia Britânica*, artigo “*Greek Litterature*”. Foi o esperanto da época. Suetônio diz que Júlio César, na dolorosa hora do apunhalamento, encontrou na língua grega a expressão da sua surpresa: *Kai su teknon* — Até você, meu filho?

No ano 171, ainda antes da nossa era, Tarso foi declarada cidade livre por Antíoco IV, e começou a cunhar suas próprias moedas. Sob o domínio dos romanos, a partir do ano 104 a.C., tornou-se uma das mais ricas e maiores cidades do Oriente. Por isso, diria Paulo, mais tarde, com justificável senso: “*Sou judeu de Tarso, cidadão de uma cidade nada obscura da Cilícia*”. (Atos, 21:39.)

⁴ *Mecanismos Secretos da História* — 1a parte.

Seguindo de perto a sorte da própria Cilícia, Tarso também mudou de senhores muitas vezes, até que finalmente, no século XVI, passou às mãos dos otomanos, ou seja, dos turcos. Do tempo de Paulo restam hoje extensas ruínas, profundamente soterradas. A cidade é movimentada pelo comércio em inúmeros bazares, mas o clima é desagradável devido à proximidade de vastos pantanais, situados na área onde ficava o antigo porto e por onde corria originariamente o Rio Cidno, desviado por ordem de Justiniano no século VI. A intenção era apenas regular a vazão por meio de um canal que coletasse as águas, que, na época das chuvas, desciam torrencialmente das montanhas, e livrar a cidade de perigosas enchentes. Com a passagem do tempo, no entanto, o antigo leito ficou bloqueado pelas aluviões, passando as águas a correr pelo canal. Em 1950, segundo a *Enciclopédia Britânica*, Tarso tinha 33.704 habitantes. Paulo não poderia mais dizer que era filho de uma cidade importante, mas ainda poderia declarar que nascera numa cidade aureolada por uma longa história. Filho de Isaac, ali nasceu Saulo, o Apóstolo dos Gentios.

ESTRUTURA POLÍTICA

Paulo nasceu em pleno apogeu do imenso Império Romano, e o que era bom para Roma era bom para o resto do mundo. Para entender melhor a época, precisamos recuar ao período em que os césares ditavam leis para todos, em toda parte tinham soldados, e de toda gente recebiam tributos.

O assassinato de Júlio César, em março de 44 a.C., é considerado, por Will Durant, uma das tragédias máximas da História, não apenas porque interrompeu as suas tarefas de grande estadista, como pelas lutas que, por

quinze anos, sacudiram o mundo, na disputa de poder supremo.

Com a sua dialética e sua capacidade de arregimentação, Cícero tentou restabelecer o governo republicano nos termos da antiga constituição. Assim, porém, não pensava Marco Antônio, que ambicionava substituir César. A guerra civil foi inevitável, tendo começado no princípio do ano 43 a.C. No outono, Antônio já ameaçava invadir a Itália, no comando de dezessete legiões. No fim de outubro, porém, Marco Antônio e seu aliado Emílio Lépido uniram-se a um jovem de apenas 20 anos, chamado Otaviano, que havia sido recentemente eleito cônsul, a despeito da oposição do Senado. Desse arranjo de políticos e guerreiros surgiu o Segundo Triunvirato, incumbido de reorganizar o Império. Cedo, porém, começaria a luta entre os novos donos do poder; o trono que César deixara vago era grande demais para um e pequeno demais para três. De qualquer maneira, urgia consolidar a conquista, e a tarefa começou com o exílio inevitável daqueles que se opuseram aos governantes, Cícero à frente. Em seguida, era preciso liquidar os rebeldes que haviam tramado e executado o assassinato de César, e que andavam pelas províncias do Império extorquindo somas fabulosas para manter tropas, com as quais pretendiam a impunidade e o poder. Em Rodes, Cássio tomou a cidade e exigiu a fortuna pessoal de todos. Matou os que resistiram e arrecadou uma soma que corresponderia, hoje, a mais de dez milhões de dólares, segundo estimativa de Durant. De Tarso, onde Paulo nasceria umas poucas décadas mais tarde, Cássio conseguiu arrebatrar outro tanto. Conta Will Durant que, para levantar esse dinheiro, os cidadãos de Tarso tiveram de alienar as propriedades públicas, fundir os ornamentos dos templos e vender gente como escravo: primeiro, meninos e meninas; depois, mulheres e anciãos;

finalmente, os jovens. Muitos se mataram. A lembrança dessas histórias deveria ainda circular na juventude de Paulo. Na Judeia, Cássio levantou cerca de metade do que havia arrancado de Tarso, vendendo os habitantes de quatro cidades. Brutus também conseguia dinheiro assim para as campanhas em que buscava salvar o pelo e, eventualmente, retornar a Roma coberto de glória.

A sangrenta extorsão chegou ao fim em 42, quando o triunvirato romano derrotou os dois conspiradores em Filipos, com um exército em que se combinavam as forças de Marco Antônio e as de Otaviano.

Logo, porém, estes também começaram a desentender-se. Para tentar um remendo na situação, Antônio casou-se com Otávia, irmã de seu parceiro no poder, e o mundo foi repartido em duas fatias e uma migalha: Otaviano ficou com a Itália e o Ocidente, a parte do leão; Marco Antônio, no Oriente, despenderia os seguintes doze anos de sua vida sonhando com a formação de um império cujo trono partilharia com Cleópatra, a grande fascinadora de reis e imperadores. Lépido teve de contentar-se com uma província na África.

A propósito, foi exatamente em Tarso que Marco Antônio e Cleópatra encontraram-se. O romano convocara a rainha do Egito para defender-se da acusação de ter ajudado Cássio a obter dinheiro e tropas. Ela veio quando achou que deveria vir. Tiepolo pintaria, muitos séculos mais tarde, algumas cenas desse encontro memorável, do qual Marco Antônio saiu apaixonado pela mulher que chamou para condenar.

Enquanto Antônio se deixava embalar nos braços da sua amada, pelos seus devaneios de um império mundial sediado no Oriente, Otaviano, em Roma, consolidava pacientemente sua posição. Em 37 a.C., Lépido foi banido da

África para a Ásia. Sexto Pompeu, que tentou substituí-lo, foi derrotado no mesmo ano, e morreu em 35. O mundo agora tinha só dois donos: Otaviano, em Roma, e Marco Antônio, no Oriente, unidos ainda pelo tênue laço de família, que Antônio partiu, divorciando-se de Otávia, no ano 32. Era o pretexto que faltava para a luta final. Um decreto do Senado considerou Antônio exonerado de suas funções de comando, e a guerra foi declarada a Cleópatra. Em 2 de setembro de 31, Otaviano venceu o rival em Actium. Antônio e Cleópatra suicidaram-se quando as tropas de Otaviano conquistaram Alexandria, em 1º de agosto do ano 30, e as províncias orientais se submeteram, em 29. Que poderiam fazer aquelas nações inermes, meros peões de xadrez no tabuleiro mundial, onde os grandes jogavam com os destinos dos homens?

Otaviano merece nota à parte, porque foi sob seu governo que nasceram Jesus e seus primeiros continuadores e propagadores do Cristianismo.

OTAVIANO, O AUGUSTO

Caius Julius Caesar Octavianus nasceu no ano 63 a.C. e morreu no ano 14 da nossa era, depois de 57 anos no poder, pois a sua primeira investidura como cônsul foi em 43 a.C. Em 17 de janeiro de 27 a.C., dois anos após a derrota de Marco Antônio e um ano depois de haver restabelecido a República em Roma, deram-lhe os súditos, agradecidos, o cognome de Augustus, com o qual passou à História. Depois de tantos anos tumultuados, de lutas sangrentas e confusão política, todo o Império Romano ansiava por uma reorganização e por um bom disciplinador. Augusto era indubitavelmente o homem indicado para a tarefa, procurando, quem sabe, redimir no trabalho fecundo de reconstrução

do Império as crueldades que praticou ou permitiu para alcançar o poder. Por isso, durante dois milênios os historiadores têm estado divididos na apreciação de Augusto. Os que se fixam nos meios de que se utilizou para subir ao poder esquecem-se dos aspectos positivos de sua obra posterior, e os que só veem nele o estadista que dirigiu com segurança os destinos do mundo procuram ignorar que, na fase dura da ascensão, ele removeu, sem hesitações, qualquer obstáculo que se lhe antepôs aos objetivos. A visão balanceada do homem revela nele inegavelmente um grande estadista, excelente administrador, que não recuou diante de nenhum escrúpulo para galgar a posição que, aliás, por direito, julgava sua, porque Júlio César, seu tio-avô, lhe deixou a herança duvidosa do poder.

Quando Jesus nasceu, na longínqua província da Palestina, Augusto estava no exercício de seu décimo terceiro mandato de cônsul, e os poderes de *imperium* lhe vinham sendo sucessivamente prorrogados desde a primeira concessão, em 27 a.C.

O ano exato do nascimento de Cristo ainda hoje é objeto de especulações, sendo fixado, segundo os autores, desde o ano 6 até o ano 1 a.C. No entanto, Mateus e Lucas escreveram que Jesus nasceu nos dias em que Herodes era rei da Judeia. Por conseguinte, antes do ano 3 a.C. Por isso, Will Durant (*Caesar and Christ*) fixou a data em 4 a.C. Qualquer que seja a escolha, porém, o período é esse e o imperador romano era Augusto, que, ao morrer, em 14 da nossa era, passou o poder a Tibério, que ele considerava seu filho adotivo.

AS PROVÍNCIAS

Qualquer que fosse o imperador romano, entretanto, as províncias somente conheciam seus delegados, geral-

mente procuradores, que oprimiam e extorquiam em nome do César divinizado, ou para a sua própria bolsa, sempre ávida e insatisfeita. Não eram homens radicados nas províncias — eram representantes *blasés* de uma civilização de aparência brilhante, mas corrupta, que ali estavam apenas cumprindo missão desagradável e acumulando riqueza e prestígio que lhes servissem de trampolim para novas e rendosas posições na corte imperial, quando retornassem. O Oriente Médio foi particularmente infeliz durante o longo período de dominação romana. A subida de Otaviano até que representou alguma trégua na sucessão de aventureiros políticos e militares de todos os matizes, que exploravam as províncias no interesse de suas terríveis ambições. Quando nada tiravam para si, lá deixavam a marca da sua passagem, em devastações e mutilações. A lista é grande: Sila, Lúculo, Pompeu, Gabínio, César, Bruto, Cássio, Antônio e o próprio Otaviano. Os campos de batalha desses homens eram as províncias, e lá mesmo é que tinham de obter dinheiro e soldados. César dizia que com dinheiro obtinha soldados e com soldados conseguia mais dinheiro. Era simples. O Oriente Médio, como lembra Will Durant, alimentou centenas de exércitos e subornou um milhar de generais. E cada vez que os pobres oprimidos cediam às imposições e extorsões de um deles, comprometiam-se perante o próximo aventureiro. Já vimos Marco Antônio mandando chamar Cleópatra no Egito, a fim de acusá-la de haver ajudado Cássio. E havia como deixar de ajudá-lo?

Em algumas de suas províncias, os romanos permitiam governadores e príncipes locais, mas somente aqueles que se conservassem estritamente fiéis ao Império e pagassem religiosamente os pesados tributos. Qualquer movimento de rebeldia ou tentativa de sublevação, visando à independência, era duramente esmagado.

Além disso, os povos oprimidos suportavam o arbítrio de homens de uma formação política, social e, especialmente, religiosa diferente da sua. Os romanos não respeitavam os deuses locais nem as crenças ou costumes. Não tinham ali suas raízes. Em comunidades predominantemente judaicas, o choque era gritante e contínuo entre um povo que sempre se considerou o predileto do Deus único e os conquistadores pagãos que lhe tumultuavam a existência e o humilhavam de todas as maneiras. Os lugares santos eram alegremente profanados e saqueados, e, quando terminavam as campanhas de conquista ou punitivas, as autoridades locais eram levadas para Roma, acorrentadas, para desfilarem no triunfo dos vencedores, antes de serem sacrificadas. Para as comunidades judaicas do Império eram um sacrilégio inominável as águias, figuras e símbolos do poder de um imperador que se divinizava e se fazia adorar como tal.

Os conquistadores eram autoritários, despóticos, orgulhosos e não toleravam críticas nem fraquezas alheias — somente as suas. Mesmo a Otaviano, que foi considerado mais benigno, pesados seus defeitos e virtudes, era difícil amá-lo, diz Durant.

E como os povos oprimidos iriam amá-los? Jamais povo algum amou os opressores estrangeiros que esmagam a liberdade, confiscam as propriedades, desprezitam os costumes e maltratam aqueles que não podem reagir.

TIBÉRIO E SEUS SUCESSORES

Enfim, até os deuses morrem, e, quando morreu Augusto, no ano 14 da nossa era — Jesus estaria com seus 17 ou 18 anos —, sucedeu-lhe Tibério, com quem já há muito partilhava o poder, preparando-o para substituí-lo. Tibério

governou até o ano 37. É sob seu governo, pois, que Jesus pregou e foi crucificado. Esses foram os anos formadores de Saulo de Tarso, e é em 35 que ocorre a dramática visão de Damasco, que mudou o rumo da sua vida.

Tibério subiu ao poder aos 55 anos. Era um homem sombrio e impenetrável. “Todos os seus sentimentos, desejos, paixões e ambições” — diz a *Britânica* — “jaziam trancados atrás de uma barreira intransponível e tinham de ser interpretados à luz muito incerta dos seus atos externos. “Não era, pois, do tipo que facilmente se faz amar; ao contrário, seu temperamento inescrutável somente poderia suscitar o desagrado e a suspeita. Esse Espírito atormentado mal tomou conhecimento do imenso drama que se desenrolou na Palestina, sob seu governo, e nem sequer suspeitou do seu impacto subsequente na história do mundo.

Com Tibério, tem início uma série de imperadores muito cruéis ou inteiramente despreparados para o exercício de tão vastos poderes. De 37 a 41, governou Calígula; de 41 a 54, Cláudio, e de 54 a 68, Nero; todos, inclusive Tibério, sofrendo de sérias perturbações mentais que os levavam a loucuras e crueldades inomináveis.

Calígula escondia-se debaixo da cama quando trovejava e sofria de terríveis insônias, vagando durante a noite pelo seu enorme palácio, ansioso pelo clarear da madrugada. Era para ele um prazer imenso saber que poderia mandar cortar a cabeça de quem quer que fosse, a qualquer momento, e assim fez sempre que o desejou. A passagem dos anos e a embriaguez do poder somente contribuíram para agravar-lhe o desequilíbrio, levando-o à autodivinização. Instituiu um culto próprio, nomeando seu cavalo favorito, *Incitatus*, como um dos sacerdotes. Certa vez, perguntou a Vitélio se não estava vendo que a deusa Lua havia descido do céu para abraçá-lo. Vitélio teve uma resposta inteligente e hábil:

Não — disse ele —, somente os deuses podem ver-se uns aos outros.

Não era melhor dizer isso do que perder a cabeça?

Quanto a Cláudio, seus parentes consideravam-no um débil mental e inválido. Sua própria mãe, Antônia, dizia que ele era um “monstro inacabado”, e, quando desejava destacar a obtusidade de alguém, dizia que “era um tolo maior do que o meu Cláudio”. Sucediam-se os casamentos, os divórcios, os assassinatos e as traições. A máquina governamental era corrupta porque os imperadores não tinham tempo senão para as suas loucuras e desmandos, deixando os negócios públicos em mãos de prepostos que compravam e vendiam corrupção.

E Nero? Suas loucuras e crueldades são legendárias e, infelizmente, muitas delas, autênticas. E, no entanto, era nobre a sua família — seu avô paterno casou-se com Antônia, filha de Marco Antônio e de Otávia, irmã de Otaviano, o Augusto. Teve um bom professor de grego e o próprio Sêneca como seu preceptor em Literatura e Moral. Começou o governo muito bem, desculpando-se perante o Senado por ser tão jovem. Ao ter que assinar a sentença de morte de um criminoso, suspirou contrito: “Antes não tivesse aprendido a escrever!”.

Logo cedo, porém, desmandou-se, embriagado pelo poder e pela tremenda bajulação de uma corte servil. Costumava sair à noite disfarçado, com seus amigos, e envolvia-se em crimes de toda espécie. A devassidão havia atingido o apogeu. As paixões eram súbitas e rapidamente satisfeitas, e tão rapidamente quanto possível se livravam, os poderosos do dia, das amantes e esposas que não mais lhes agradavam. Vale a pena referir o episódio de Popeia, porque um dia Paulo de Tarso falaria pessoalmente com ela. Popeia Sabina era “superlativamente refinada nas coi-

sas do amor”, diz Durant. Segundo Tácito, nada lhe faltava, exceto a honestidade. Era dessas mulheres que passam o dia enfeitando-se “e somente existem quando são desejadas”, acrescenta Durant. E Nero desejou-a. Despachou seu marido Sálvio Otão para a Lusitânia (atual Portugal) e assediou a sua amada, mas Popeia recusou-se a ser sua amante, concordando, porém, em ser sua esposa desde que ele se divorciasse de Otávia, a esposa legítima. O divórcio viria realmente, em 62. Doze dias depois, Nero casou-se com Popeia, mas nem assim esta se deu por satisfeita, e, com suas exigências, selou a sorte de Otávia. A nova esposa convenceu Nero — e era fácil fazê-lo — de que Otávia tramava contra ele. A ex-esposa foi deportada para a Pandatária, mas, poucos dias depois de sua chegada, agentes imperiais vieram cortar-lhe a cabeça, que foi levada a Popeia como comprovante da empreitada e recibo da importância combinada. Otávia tinha apenas 22 anos.

Foi a mesma Popeia, segundo os historiadores, quem precipitou a morte de Agripina. Enfurecido ante a instigação de sua nova esposa, o Imperador decidiu dar fim à sua própria mãe. Primeiro pensou em envenená-la, mas ela manejava bem os antídotos e escapava sempre. Tentou, a seguir, afogá-la, e ela nadou para a terra, depois que o barco afundou, num acidente arranjado por Nero. Seus homens perseguiram-na até a sua casa, e, quando a agarraram, ela despiu-se e disse-lhes:

— Mergulhem a espada no meu útero!

E assim foi feito. Quando Nero chegou e contemplou a sangrenta cena, comentou tranquilo:

— Não sabia que tinha uma mãe tão bonita!

Sêneca nada teve com o crime, mas, segundo Durant, “as mais tristes linhas na história da filosofia nos dizem como ele redigiu a carta segundo a qual Nero explicava ao

Senado como foi que Agripina tramou contra o Príncipe e, descoberta, matou-se”. O Senado aceitou a explicação graciosamente e saudou o regresso de Nero a Roma com oferendas aos deuses, por terem-no conservado vivo e são.

Eram os tempos.

E que fortunas, que rios de dinheiro não custavam todas essas loucuras, as festas, as extravagâncias, o luxo, os caprichos.

Enquanto esses homens dominavam o mundo, afogados na inconsciência de suas paixões, a doutrina do amor nascia e se propagava pelos quatro cantos do Império. Parecia uma luta extremamente desigual, porque de um lado havia apenas um punhado de pescadores e obreiros sem instrução, e de outro lado o Império vastíssimo e poderoso, no qual, num único banquete, um imperador como Nero podia gastar, sem pestanejar, 4 milhões de sestércios em flores, porque, dizia ele, “somente os miseráveis se preocupam com o que gastam”.

E, no entanto, volvidos os anos, descobriram os homens que o verdadeiro poder estava com os ignorantes obreiros do Messias morto e não com os brilhantes manipuladores do poder temporal. Era o espírito contra a matéria, a luz opondo-se às trevas, o amor lutando com o ódio, não para vencê-lo, mas para transformá-lo.

E quando vemos Paulo em Roma procurando Popeia, estamos diante de um testemunho inesquecível da força do poder espiritual ante o transitório e falso brilho das posições humanas.

A DIÁSPORA

Enquanto os Césares se desmandavam na capital, em orgias de prazeres e de crimes, suportavam as províncias as

suas dores na opressão. Espalhados pelo imenso Império, que abrangia quase todo o mundo conhecido de então, viviam cerca de 4 milhões de judeus. Outro milhão distribuía-se em territórios não controlados pelos romanos. Havia, assim, menos judeus na Palestina do que no resto do mundo. Eram chamados judeus da Diáspora, os que viviam longe da pátria.

A palavra significa *dispersão* e teve sua origem na *Septuaginta*, a primeira tradução da *Bíblia* para o grego, feita em Alexandria por solicitação de Ptolomeu II (288-247 a.C.). Os tradutores — aliás 72 e não 70 — foram enviados pelo sumo sacerdote Eleazar, de Jerusalém para Alexandria. Historicamente, porém, o termo se aplica ao período do exílio do povo judeu na Babilônia, no século oitavo antes do Cristo. Mais tarde, a comunidade judia teria oportunidade de restabelecer-se na Palestina, quando Ciro, ao tomar a Babilônia, permitiu aos judeus que retornassem à sua terra natal. Por essa altura, no entanto, a comunidade judaica se espalhou por todo o mundo, e em algumas cidades exercia considerável influência. Em Alexandria, a população judaica representava 40% do total, mas, de modo geral, todas as grandes concentrações humanas daquele tempo contavam com certa percentagem de judeus. Embora sempre histórica e emocionalmente presos a Jerusalém, eles criaram centros de hegemonia em diferentes pontos do globo, ao correr das idades: primeiro na Babilônia, depois na Pérsia, na Arábia e, mais tarde, na Espanha, na França, na Alemanha, na Polônia, na Rússia e, mais recentemente ainda, nos Estados Unidos. Por isso, mesmo antes da destruição do segundo templo em Jerusalém, já os judeus da Diáspora eram mais numerosos do que os judeus que habitavam a Palestina. Somente quando a nação judaica foi esmagada no ano 70 da nossa era, com a tomada

de Jerusalém por Tito, a Palestina deixou de desempenhar seu papel central no Judaísmo. Antes disso e, portanto, no tempo de Jesus e de Paulo, Jerusalém era o ponto de convergência e ao mesmo tempo de irradiação entre os judeus da Palestina e os seus irmãos espalhados por toda parte. Nas festas mais importantes do calendário religioso, verdadeiras multidões de judeus eram atraídas do mundo inteiro para a cidade sagrada. Baseado em texto de Flávio Josefo, Daniel-Rops estima que o afluxo chegava às vezes a 2 milhões e meio de peregrinos. Essa gente trazia notícias de longes terras e de regresso aos seus lares levava o relato do que havia presenciado, para aqueles que não tiveram o privilégio de fazer a longa e penosa viagem.

A Diáspora é, pois, um fenômeno histórico da mais alta importância, tanto pelo que preservou da remota tradição judaica como pelo seu papel, muitas vezes involuntário, na divulgação das primeiras informações sobre o Cristianismo, na época oportuna.